

Entrevista com Miguel Calmon du Pin e Almeida

A atualidade impõe à psicanálise um importante confronto: como resistir aos desvios propostos nas manifestações da cultura contemporânea e insistir sobre os valores que crê fundamentais por ela deixados de fora e, ao mesmo tempo e por um outro lado, como aceitar e acolher positivamente tais desvios de modo a se (re)inventar a si própria e aos meios de poder escutá-los. Ou, dito de outro modo, como insistir sobre as resistências do mundo à psicanálise e, por outro lado, se debruçar sobre as resistências da psicanálise ao mundo, isto é, à própria psicanálise¹. Um paradoxo. Lembremos que o que define o paradoxo é sua propriedade de caminhar simultaneamente em duas direções opostas sem oferecer nenhuma possibilidade de síntese. Não há dialética no paradoxo. Apesar de se deixar marcar por uma oposição não dá lugar à síntese. Não há saída no paradoxo.

De um lado uma situação onde temos algo a dizer sobre os homens e sobre as coisas do mundo. Dizer daquilo a ser restabelecido para que nos reconheçamos homens; dizer algo quanto à ausência da figura ordenadora do pai. Ocupamos também o lugar dos que se autorizam a dizer daquilo que falta nos homens e no mundo, pois, a nós, psicanalistas, cabe a função de resistência. Mesmo que em alguns momentos pareça uma espécie de moralismo saudosista.

Mas, por outro lado, o que quer que digamos, ou pior, o que quer saibamos, nada nos isentará da responsabilidade de inscrever como própria a nossa perplexidade frente ao mundo. É aí, quando o mundo nos

põe no divã, que a psicanálise hesita assumir a radicalidade de sua política. Deixar o mundo entrar e nos afetando, nos alterando, nos transformando pelo contato com as manifestações da cultura contemporânea, até porque não nos resta outra alternativa, caso pretendamos manter alguma fidelidade a Freud. Isto é, apesar de acreditar que a clínica psicanalítica estar muito bem, obrigado, dizer que os resultados da psicanálise continuam sendo contestados como sempre o foram; que continuamos atrapalhados com fugacidade das definições que encontramos para nossa prática; que os limites entre psicanálise, ciência e religião continuam permanentemente nos desafiando; ou seja, que continuamos tendo que correr atrás do bonde da história, sob o risco de sermos atropelados por ele. Sujeitos que somos da globalização, vemo-nos assaltados pelas mesmas questões que reconhecemos no mundo.

Por mais que reconheça mudanças nos modos da demanda de análise ainda não estou convencido de que a produção de novas formas de subjetivação caracterize ou especifique algo da clínica psicanalítica de hoje. Nós, os psicanalistas, sempre chegamos atrasados na cena do crime, e assim, tal atitude em nada nos diferencia dos que nos antecederam. Pensar a singularidade das questões de nossos tempos significa mantermos vivos. Ao mesmo tempo, percebo sim que em torno da expectativa produzida pelo efeito do imediatismo e da eficácia, pela produção de novos conceitos, corremos o risco de relaxar a disciplina quanto às condições de aplicação do método por vezes com conseqüências dramáticas. Estamos em posição de ter que escutar o mundo e (re)inventar a psicanálise – cotidianamente – e ampliar nossos modos de escuta assim como o fizeram aqueles com quem aprendemos nosso ofício. Quero ainda dizer que apesar de também me deparar com a situação, já por tantos descrita, dos sujeitos que se apresentam “sem sujeito” e sem sofrimento, e que exigem que ampliemos nossas possibilidades de escuta, como o faz, por exemplo, Eliana Schueler Reis em seu trabalho *É possível continuar a Ser sem ficar pequeno? Uma reflexão clínica sobre o caráter e a resistência*² ao trazer Leibniz para a cena psicanalítica através das pequenas percepções³, continuo encontrando em minha clínica aqueles que se orientam em sua constituição pelo complexo de Édipo e que falam do pai, da mãe, e dos irmãos.

Os registros da verticalidade do Édipo (“pai-centrados”) e da horizontalidade marcada pelas novas formas de subjetivação que não se deixam “pai-centrar”, não se excluem mutuamente. Isto é, a clínica da “pós-modernidade” não exclui as histéricas, os obsessivos... que continuam

freqüentando nossos consultórios e exigindo precisão com as ferramentas conceituais que Freud nos legou. Esta questão da centralidade do complexo de Édipo está na base das discussões acerca das novas formas de subjetivação, das novas formas de conjugalidade, e por aí me aproximo da terceira pergunta. Mais uma vez o paradoxo nos convoca a pensar. Perversão e novas formas de conjugalidade são as duas faces da mesma moeda. Uma face se marca como negatividade e a outra face se marca como positividade. Temos que aprender a escutar ambas as faces. Indecidivelmente, diria Derrida. De um lado exigem nosso esforço de articular à castração aquilo que escapa e se apresenta como gozo, mortífero sempre. Por outro, a acolher, no que parece sem norte, expressões de novas exigências de trabalho psíquico, de novos conceitos.

Lembro da tira das cobras do Luiz Fernando Veríssimo. Cair é um estado que se define por relação ao solo. E se não há solo? E se for apenas queda? As cobrinhas estão em queda permanente, e ali, marcadas por esta condição, reinventam a vida e discutem seu cotidiano.

Agora posso responder acerca da perversidade da cultura contemporânea. Sim e não. Paradoxalmente. Sim, enquanto transgride (e aí já digo algo da pergunta n° 2) o que define de mais fundamentalmente o homem e suas relações com os outros homens e com o mundo: o respeito ao outro. E, a nós, assim como ao todo do corpo social, cabe resistir. Não, enquanto modos de resistência à cultura, enquanto luta capaz de produzir novos arranjos. E, a nós, assim como a todo o corpo social, cabe de deixar afetar e modificar por tal contágio.

Os mitos ordenadores da cultura caíram. Nietzsche anuncia a morte de Deus; a queda do muro de Berlim leva consigo a esperança de um projeto político que animou gerações; e a certeza de que a ciência e o progresso seriam garantia para segurança e bem estar caíram com as torres gêmeas. A tendência hoje é a de pensar a horizontalidade dos ordenamentos sociais, dos encontros, das novas formas de subjetivação. Os universais dão lugar ao micro; a metafísica dá lugar à imanência. Isto porque o confronto entre a questão de a vida não se reduzir ao conjunto de ações que a compõe, de a vida implicar, como processo, seu porvir e por isso não ter fim, e a contemporaneidade desconstruiu todos estes mitos. O mito da cientificidade na modernidade como garantia de verdade, isto é, da esperança de que a ciência produziria homens melhores, produziria uma sociedade mais justa, onde o respeito pelas diferenças e singularidades se deixasse marcar com importância. Este mito caiu junto com o muro de Berlim e as torres gêmeas. Nunca se viu tanta violência,

nunca se matou tanto com tanto requinte, nunca o tempo foi tão curto porque nunca nos propusemos a fazer tantas coisas simultaneamente.

Dostoiévski definia assim o homem: “um bípede ingrato”⁴. Contra este mito da cientificidade, insiste: “Mas – pela centésima vez vos repito isto – existe um único caso, sim, apenas um, em que o homem pode intencional e conscientemente desejar para si mesmo algo nocivo e estúpido até: *ter o direito* de desejar para si mesmo algo muito estúpido, sem estar comprometido com a obrigação de desejar apenas o que é inteligente.”

Conclui Dostoiévski: “Se me disserdes que tudo isso também se pode calcular numa tabela, o caos, a treva, a maldição – de modo que a simples possibilidade de um cálculo prévio vai tudo deter, prevalecendo a razão – vou responder-vos que o homem se tornará louco intencionalmente, para não ter razão e insistir no que é seu”.

Por pura ingratidão.

Acolher a perversão positivamente implica esta operação de reconhecer ao homem o *direito* à estupidez frente à inteligência. Pura afirmação de sua liberdade. Nossos tempos nos mostram que quanto mais determinados os caminhos para a felicidade, mas o homem afirma seu direito à estupidez.

No direito à estupidez temos que estar também preparados para reconhecer o desejo de afirmação do homem frente à razão. E é neste momento que a psicanálise, apesar de já ter sido chamada de “ciência da desrazão”, hesita em sua escuta. Aliada ao mito do progresso hesita em escutar o mundo, hesita em trazer o mundo para dentro e se fecha em torno daquilo que já crê dominar. Resistindo ao mundo resiste a si mesma, pois a psicanálise se constrói na relação com o mundo, com as produções da cultura.

Para concluir devo dizer que é fundamental deixar consignado que não tenho respostas satisfatórias para as perguntas feitas pela Revista. Às vezes, como as cobras do Veríssimo, em plena queda, acordo assustado com a ausência de solo, e fico um tempo sem saber o que fazer, como pensar, e me socorro de meus colegas para dividir com eles minhas angústias. Às vezes, acordo rejeitando as perguntas e com saudade das respostas.

Mas temos colegas que tem nos ajudado nesta investigação: além de Eliana Schueler Reis já citado, destaco o trabalho de Octavio Souza, *Aspectos clínicos metapsicológico nos usos das drogas*⁵, que conjuga corte e acolhimento e nos dá boas medidas para nosso trabalho clínico; as refle-

xões de Chaim Samuel Katz sobre as psicoses, sobre o pensamento único; a contribuição da psicossomática psicanalítica que Admar Horn tem nos trazido; os trabalhos que tematizam a alteridade sob diferentes aspectos de Betty Fuks, Joel Birman, Jurandir Freire Costa, dentre outros; os livros de Maria Izabel Mendes de Almeida, de Nízia Vilaça que nos trazem questões acerca do jovem, da violência e das novas formas de conceber a relação com o corpo, respectivamente.

Penso que deveríamos nos ler com mais freqüência.

Rio de Janeiro, 07 de novembro de 2003

Notas

1. Jacques Derrida, *Estados de alma da psicanálise*.
2. no site dos Estados Gerais da Psicanálise (www.estadosgerais.org/mundial_rj)
3. “estas partes insensíveis das nossas percepções sensíveis fazem com que exista uma relação entre as percepções das qualidades sensíveis, dos movimentos dos corpos, e, sobretudo, dos afetos. Através delas afetamos e somos afetados e nos ligamos ao mundo em torno de nós.” (op.cit.)
4. Fiódor Dostoiévski, *Memórias do subsolo*, Ed. 34, 2000, pg 42
5. no site dos Estados Gerais da Psicanálise

Miguel Calmon du Pin e Almeida

Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

e-mail: mcalcon.trp@terra.com.br